

EMILIO ORTIZ

através dos meus
pequenos olhos

Tradução de Cláudia Ramos

ÍNDICE

1. Adeus, canil, adeus.....	11
2. Dias de escola	27
3. Esta vai ser a minha casa	104
4. Voltarás a correr pelas ruas	117
5. Licenciado.....	137
6. Bem-vindo ao mundo da banca, amigo Mario	144
7. Uma Luz na escuridão.....	165
8. Ela.....	177
9. Dez anos com Mario	189
10. Uma história terminável.....	199
11. Também te adoro, Toni.....	224
12. Voltar.....	231
13. Através dos teus olhos	237
14. Se quiseres escrever-me, sabes onde me encontrar.....	249
15. Cross e eu.....	252
16. Se me dão a escolher.....	255
Epílogo.....	257
Agradecimentos.....	263

1

Adeus, canil, adeus...

GOSTO DAS MANHÃS. As manhãs trazem sempre coisas novas.

Um dos meus companheiros mostrava-se inquieto, muitos outros já ladravam. Eu era sempre dos primeiros a acordar, mas nesse dia tudo foi diferente. A bem da verdade, não estava cansado, não tinha a menor preguiça; acordei como quase sempre: fresco como uma alface.

Ouviu-se abrir uma porta; a principal, creio. Depois, percebi que abriram a do corredor onde se encontrava a minha *box*. Achei aquilo estranho. Quando os humanos visitavam os canis seguiam obviamente uma ordem lógica – começando pelas *boxes* mais próximas –, mas desta vez parecia que tinham um objetivo concreto: a *minha box*.

O meu coração deu pulos de alegria ao reconhecer a voz de Jeremy e, depois, a de Margaret.

– Vamos lá, Cross, hoje vai ser um dia muito especial para ti.

Eu sabia que nos nossos canis, ao contrário dos outros, isso significava algo de bom. Resumindo, significava que não seria abatido.

Desatei a abanar freneticamente a cauda e a mordiscar

a minha almofada-cama. A Margaret ria-se, enquanto Jeremy me punha uma trela e comentava:

– Vamos lá, Cross, despede-te dos teus amiguinhos.

Ainda fui farejar o focinho da Drim, uma labradora preta que era boa como o milho – sim, porque ser castrado não significa ser parvo. Cheirei tudo o que havia para cheirar à minha volta e tive a feliz sensação de que não iria voltar a cheirar, pisar ou sequer ver aquele local, e que, assim que a porta daquela *box* se fechasse atrás de mim, eu jamais regressaria àquele canil.

De facto, o portão principal dos canis fechou-se definitivamente atrás de mim, encerrando também uma etapa da minha vida.

Não que eu tenha propriamente sofrido ou que tenha sido uma fase muito má, mas a verdade é que me aborrecia muitas vezes e estava sempre à espera que Jeremy, o meu treinador, chegasse para mais uma aula. Uma das vantagens daquele sítio era o convívio com muitos companheiros da minha espécie.

Fizeram-me subir para a carrinha da escola, a mesma furgoneta que eu trepava quase todos os dias para ir para os nossos treinos. Deparei-me com outros cinco colegas, alguns que eu já conhecia de treinos conjuntos pela cidade ou de brincar com eles no *dog park*.

O percurso foi rápido; de dentro da carrinha não se conseguia ver nada, mas eu sabia que íamos para a cidade. Minutos depois parámos, a porta de trás abriu-se e eu vi o sorriso de Margaret e, atrás dela, o edifício da residência da escola. Jeremy pôs a trela a um dos meus companheiros e levou-o.

– Muito bem, rapaz. Tu vais ser o primeiro a conhecer o teu dono definitivo.

De repente, invadiu-me uma estranha mistura de sensações. Era como se algumas, ocultas no mais profundo do meu ser, começassem a resolver-se. Eu nunca me tinha questionado, pelo menos conscientemente, para que servia tudo aquilo.

Esta resolução de incógnitas, natural e espontânea, revelou-se linda, mágica, maravilhosa. Fui envolvido por uma emoção incomensurável, e tudo passou a fazer sentido: soube que esse dia – esse momento – seria crucial para mim e senti-me extraordinariamente especial. Até então, tudo não tinha passado de uma simples brincadeira; agora, tinha chegado o bom, o melhor, o extraordinário.

Foi tal a emoção dentro de mim, que nesse momento não me restou espaço, nem no coração nem na cabeça, para pensar em tudo o que ficaria para trás a partir de aí.

Intuitivamente, percebi que em breve deixaria – e quiçá para sempre – aquele lugar, aqueles amigos de quatro patas, e que a minha vida mudaria de forma radical. Assim que me desliguei dos meus pensamentos e reflexões, tratei logo de farejar os meus amiguinhos. Comecei por um macho da minha raça, um *golden retriever*. Não me lembrava do cheiro dele – com toda a certeza não o tinha conhecido antes, pois tenho uma memória fabulosa para essas coisas e nunca esqueço um odor traseiro.

Desde logo, aquele *golden* mais pequeno do que eu tratou de me farejar o pescoço, e abanámos freneticamente cada um a sua cauda. Senti-me superfeliz, como sempre, e pus-lhe logo uma pata na nuca para tentar derrubá-lo e dar uma

certa emoção à brincadeira. De imediato se armou uma confusão danada, com os outros quatro *cãopanheiros* juntando-se ao folguedo. Ouvia-se claramente o som metálico das nossas coleiras contra a chapa do interior da furgoneta.

Uma labradora de pelo claro libertou-se de dentro do emaranhado de caudas, patas e focinhos que havíamos criado em poucos segundos e, como numa espécie de transe, começou a girar sobre si própria, mordiscando a cauda. Troquei um olhar cúmplice com outro *cãopanheiro* e saltámos ambos para cima dela, mordendo-a amistosamente, provocando-a a fazer o mesmo connosco.

O alvoroço foi tremendo, ainda que não houvesse espaço suficiente para tal, e os outros dois cães desataram a ladrar, enquanto nós rosnávamos – de alegria, obviamente. Fui cheirar o traseiro da cachorrinha e apercebi-me de que era a Mani, uma labradora amiga que eu já não via há meses. Nesse momento, parei logo de brincar, paralisei. Na verdade, toda aquela mudança e nostalgia antecipada apanharam-me por uns breves instantes, e senti alternar-se em mim a alegria e a tristeza, a inquietação e a incerteza... Isto de viver sempre rodeado pelos da minha espécie acabaria para sempre. Sabia que a vida que me esperava seria plena de prazeres e satisfações, mas a simples ideia de me aperceber de que tudo aquilo que eu conhecera até então jamais regressaria provocava-me uma vertigem estranha.

De repente, o meu cérebro era alvo de um inacreditável *chuto* de adrenalina e, ao mesmo tempo, de um de melancolia. Quem sabe eu não estaria a atravessar a inóspita fronteira entre ser cachorro e ser adulto?

Por outro lado, senti-me especial. Os outros cães, os da

rua, têm outro tipo de vida. A sua existência estrutura-se de um modo totalmente distinto, a vida é mais linear. São cães domésticos, sejam cachorros ou adultos, mas *nós* vivemos por etapas. Nisto somos parecidos com os humanoides que, *em cachorros*, nem um pau lançado à água vão buscar, e que, logo a seguir, entram para a escola, mais tarde para o liceu, depois para a universidade e, já adultos, começam a trabalhar como Deus manda. A vida de um cão-guia é muito parecida – a única diferença é que conosco o trabalho está sempre garantido. Que espécie estranha esta, de loucos seres de duas patas serem capazes de nos assegurar trabalho sem sequer lograrem conseguir o mesmo para eles próprios!

Uma inesperada lambidela, que me percorreu do focinho aos olhos, acordou-me das minhas profundas meditações. Era a Mani, já a despedir-se de mim. Abriu-se de novo a porta traseira da furgoneta; desta vez, era Jeremy. Os nossos corações saltaram, palpitanes de emoção. A eleita foi a Mani, que ficou radiante de felicidade; enquanto Jeremy lhe colocava a trela, ela mordiscou-lhe amorosamente o braço e lambeu-lhe a camisa.

Também eu me mostrei alegre, abanando a cauda, até que a porta traseira, ao fechar, encerrou aquele momento. Fiquei em silêncio e de orelhas levantadas, ouvindo a excitação da Mani que se dirigia ao seu risonho futuro. Comecei a ganhar baixinho, nem sei se pela despedida ou por não ter sido eu o afortunado.

Vai, amiga vai, que em breve nos encontraremos. Talvez os nossos donos já se conheçam e estejam já à nossa espera, como quem espera um filho. Vai, amiga, vai. Espera-me, que em breve irei também.

Reparei que os meus outros três *cãopanheiros* também estavam tristes; deixaram-se ficar deitados no fundo da carrinha, enquanto eu optei por ficar bem coladinho à porta. Seria eu o próximo? Não tardei a sentir o cheiro de Jeremy e a frescura da manhã no meu lombo.

– Então, e tu, Cross? Estás preparado?

Levantei-me de imediato e, por ser como sempre tão impulsivo, pus as duas patas dianteiras fora da furgoneta – não fosse Jeremy ter instintivamente agarrado na minha coleira, nem sei o que podia ter acontecido! Sem perceber como, vi-me de repente com as minhas quatro patorras no asfalto, com a trela posta e fora daquela carrinha. Aproveitei para farejar o tubo de escape e a parte de baixo do veículo, que tinham um daqueles odores fortes que tanto me agradam. Jeremy acabou por me tirar do festim olfativo com um suave puxar da trela.

Seguimos o caminho que levava diretamente à residência da escola, o edifício onde os alunos humanos viviam e dormiam durante a fase de treinos como futuros donos de cães-guia.

Esse edifício ficava dentro do mesmo recinto dos canis, fazendo parte de um só complexo. Já lá tinha entrado várias vezes, pouco mais conhecia do que a receção e um ou outro escritório, mas nunca tinha posto uma pata nos aposentos onde dormiam os alunos. Sempre ficara com a ideia de que o edifício possuía um refeitório ou coisa assim, pois, por vezes, cheirava a comida e eu, desesperado, farejava cada centímetro à minha volta sem nunca encontrar algo comestível.

E, neste dia, também não quis perder a oportunidade que

o momento me oferecia. Pelo caminho, começou-me a cheirar a um chichi recente que, ainda fumegante, espicçou o meu insaciável nariz. Aquele cheiro era-me, sem dúvida, familiar.

Dei um puxão súbito na trela – que fez Jeremy desequilibrar-se – para me chegar a um poste, levantar a pata e despejar praticamente todo o conteúdo da minha bexiga. Tinha de começar este dia em beleza! Guardei um bocadinho de urina, não fosse fazer-me falta mais tarde, já que por ali pululavam muitos arruaceiros que se dedicavam a marcar o território à esquerda e à direita, e isso não podia ser. Temos de nos impor ou, caso contrário, deixamos que eles tomem conta de todas as paredes, postes e candeeiros de rua.

Entrámos no edifício e notei logo um calorzinho especial no meu focinho. Como cheirava muito bem, concluí desde logo que o refeitório não estaria muito longe, podendo facilmente adivinhar-se que o pequeno-almoço tinha sido servido recentemente. Ao ver Jeremy cumprimentar a rececionista, pus logo as duas patas dianteiras no balcão para lhe ver a cara, mas, ao sentir o meu treinador a dar-me um puxão forte na trela e soltar um sonoro «Não!», passou-me logo a curiosidade.

Percorremos um corredor que surgiu à esquerda, depois outro, logo à direita, e passámos pela porta do refeitório... *Então, é aqui que ficas, malandro!* Instintivamente dei um puxão em direção à porta, que estava entreaberta e me permitiu vislumbrar uma série de humanos que se dedicavam a levantar e limpar as mesas, recolhendo loiças e ocasionais pedaços de pão. Sorriam quando me viram, e Jeremy

voltou a dar-me um puxão autoritário – que desde logo azedou o cheirinho a pão fresco nas minhas narinas.

Seguimos caminho e, durante uns instantes, ainda dei por mim a pensar, salivando, naquelas côdeas de pão, até que virámos para um corredor sem saída. Não era demasiado longo, tinha cerca de cinco portas de cada lado. Percebi logo... Meu Deus, eram os aposentos dos alunos! Atrás de uma destas portas, estava o meu futuro dono definitivo. Senti a solenidade do momento, eu, que há segundos só pensava em fatias de pão... e o coração pareceu querer saltar-me do peito.

Jeremy bateu três vezes com o punho numa das portas do lado direito e abriu-a. Senti logo a mudança de odor e recomencei a salivar, nervosíssimo, assoberbado pela curiosidade e pela emoção. Aquele era o cheiro do meu dono, daquele que seria o meu amigo inseparável.

A partir desse segundo, aquele odor passou a ser o meu favorito, acompanhando-me para sempre desde então. Comparei-o ao cheirinho libertado pelas bolachas *Maria* que os humanos comem, as mesmas que a nós nos estão proibidas. Mas este era um odor mais suave: mais do que cheirar a bolacha doce, o meu dono cheirava a *bolacha humana*.

Ainda hoje me surpreende o facto de eu, impulsivo como toda a vida fui, me ter conseguido controlar para não lhe saltar para o colo. Fiquei muito quieto à entrada, como que a querer reter o momento. Jeremy baixou os olhos para mim e disse:

– Vamos, Cross.

Dando umas palmaditas na própria perna, encorajou-me a entrar no quarto.

– Mario, este é o Cross, um *golden retriever* com dezanove meses. Pesa trinta e dois quilos, é um cão considerado muito grande para a sua raça. E pronto, meu rapaz, aqui o tens. É teu. Para sempre.

Jeremy estendeu a trela a um dos jovens que partilhavam o quarto. Mario era um miúdo alto e muito magro, usava óculos escuros e falava de um modo algo estranho. Moreno e de cabelo curto, não teria muito mais de vinte anos. O outro rapaz, Luis, era bastante mais baixo do que Mario, não usava óculos escuros e nem sequer era cego. Era como se estivesse ali exclusivamente para traduzir o que Mario dizia a Jeremy, e vice-versa – visto que Luis, o intérprete, por vezes falava na mesma linguagem indecifrável de Mario e, noutras, falava normalmente.

Senti a mão de Mario tremer quando agarrou a minha trela; estava visivelmente emocionado. Olhei-o timidamente no rosto e apercebi-me de como cerrava os lábios num gesto de contida emoção. Segundos mais tarde, impulsivamente, fixei os olhos numa sapatilha deixada por ali. Lancei-me a ela como que movido pelo diabo e, abanando a cauda, ofereci-a a Mario. Jeremy e Luis desataram a rir-se.

Mario quis perceber o que acontecera e dirigiu a mão livre à minha cabeça; apalpando-me o focinho, comprovou a minha proeza. As suas gargalhadas juntaram-se às dos outros.

Jeremy tinha dito a Mario que tivesse o cuidado de não deixar objetos ao meu alcance, já que eu era um farejador nato, e que nos primeiros meses ele próprio tinha sido de alguma forma indulgente comigo em relação a isso. Que, quando eu lhe roubava alguma coisa, ma tirava gentilmente

da boca, sem dar muita importância ao facto, e que só mais tarde, à medida que eu fui tomando consciência de que ele era o meu amo, foi subindo a intensidade do tom.

Luis traduziu a frase do meu instrutor, e Mario assentiu. Resumindo: esta minha brincadeira tinha os dias contados.

Jeremy olhou o relógio e fez logo sinal a Luis, dizendo-lhe:

– Vamos, Luis, vai andando já para o quarto seguinte, que eu vou à furgoneta tratar da próxima entrega.

Dirigiram-nos, a mim e a Mario, um sorriso caloroso, e ali ficámos os dois.

Uma vez a sós, nervosos e emocionados, permanecemos naquele quarto – que eu não parei de explorar com o olhar de uma ponta à outra.

Desejei que houvesse um outro qualquer objeto esquecido por ali, que de bom grado eu trataria de ir buscar – era o meu jogo preferido, apanhar objetos e incitar as criaturas de duas patas a tirarem-nos da boca. Mas Mario, agora sentado num sofá, não me largava a trela nem tão-pouco deixava de me acariciar a nuca.

O quarto era espaçoso: tinha uma cama, uma secretária e o sofá onde Mario estava sentado. Para além disso, pude ver, através de uma porta de vidro, um pequeno jardim de gravilha que parecia ter sido feito de propósito para eu ir fazer lá as minhas necessidades. Assim, de manhã ao acordar, não teria de esperar aflito até ao momento de irmos dar uma volta. Aquilo tinha ar de ser extremamente prático e confortável: acordar, esperar que Mario me colocasse o equipamento (arnês e trela), ir ao jardinzinho, aliviar-me e... *ala, que se faz tarde para começar o dia!*

Entretanto, Mario acariciava-me a cabeça e murmurava

coisas no seu idioma – para mim, desconhecido, mas que, pelo tom caloroso, calculei que fosse algo do género:

– Bom, meu rapaz. A partir de agora seremos inseparáveis. Vou cuidar de ti o melhor que souber e puder, e tu, em troca, terás de me guiar.

De repente, ele levantou-se do sofá e, sem me largar a trela, dirigiu-se à secretária onde tinha um computador. Sentou-se numa cadeira e começou a teclar. Subitamente, surgiu no monitor o rosto de uma jovem de vinte, vinte e dois anos, mais ou menos da idade dele. A rapariga sorria e parecia que me estava a ver.

De tudo o que Mario lhe disse, eu apenas entendi o meu nome. Ela tratou logo de me chamar e assobiar, rindo-se enquanto o fazia.

Muito francamente, não me caiu lá muito bem aquela miúda; tinha um tom de voz piroso, que não me agradou mesmo nada. Seria a namorada do Mario? A coisa não começou nada bem entre nós dois. Minutos mais tarde, a miúda desapareceu do ecrã. Por essa altura, para ser franco, já eu não lhe estava a ligar nenhuma.

O meu novo dono recomeçou a teclar. Nessa altura, surgiu no ecrã uma mulher mais velha do que ele – morena, andaria na casa dos cinquenta. Logo atrás dela surgiu um homem de idade semelhante, de cabelo grisalho e sorriso afável. Via-se que estavam ambos emocionados ao falar com Mario.

Tal como a miúda, a pirosa que não me caiu no goto, ambos começaram a chamar pelo meu nome:

– Cross... Cross!

Mario esteve bastante tempo a falar com este casal... Seriam os seus pais?

Ao fazer esta pergunta a mim mesmo, veio-me à cabeça uma série de pensamentos.

Eu não me recordava do meu pai; da minha mãe, sim, lembrava-me melhor, constantemente a chamar-nos, a mim e aos meus maninhos. Desses, o que mais recordo é o seu cheiro, um cheirinho a pelo novo e a pele fresca, que se misturava com um odor meio agridoce. Calculo que nós, os três irmãos, cheirássemos ao mesmo, mas estou certo de que a minha mãe nos distinguia facilmente. Também me lembro de como lutávamos os três para agarrar primeiro a teta mais gorda da mãe quando tínhamos fome; éramos egoístas e chorões.

A minha mãe era muito calma e carinhosa connosco; só se notava que ficava mais agressiva quando alguém se aproximava dos seus cachorros. Punha-se logo em estado de alerta.

Separaram-me dela muito cedo para me fazerem a operação – *aquela*, suponho – e, logo a seguir, puseram-me a viver com uma família de humanos. Na verdade, eu nem sequer sabia quem era o meu pai, pois vivi sempre rodeado de *goldens* aos saltos. E bem que podia ser qualquer um deles; a nós, patudos, essas coisas nunca nos incomodaram particularmente.

Bateram três vezes na porta do quarto; Mario gritou qualquer coisa na sua estranha língua e alguém entrou. Tratava-se de um homem mais velho do que ele, de uns cinquenta anos, talvez, que usava um gorro vermelho e vinha acompanhado de um cão. Era, surpresa das surpresas, o *golden* que

eu conhecera na furgoneta, e de imediato me atirei a ele – e ele a mim.

Os nossos respetivos donos puxaram-nos instintivamente, mas, segundos depois, acabaram por ser tolerantes connosco, deixando-nos brincar e farejar-nos mutuamente.

Mario e o homem do gorro vermelho conversaram por uns minutos, parecendo bastante alegres. O do gorro ofereceu o braço ao meu novo dono, para saírem do quarto, e a façanha de passarmos, os quatro ao mesmo tempo, a porta revelou-se caótica. Juan, que percebi ser o nome do senhor do gorro vermelho, também era cego.

Eu e o outro *golden*, o Thor, não parávamos de brincar, e Juan acabou com aquela folia soltando um severo «Não!» ... e isso, tanto eu como o Thor, entendemos perfeitamente.

Dirigimo-nos ao quarto que ficava logo à direita do de Mario, onde se encontrava outro homem de cabelo grisalho e com uns óculos escuros estranhíssimos. Era um daqueles seres de duas patas que, mesmo acabadinho de conhecer, parecia extremamente simpático. Também falava no mesmo idioma esquisito de Mario e de Juan, mas o seu tom de voz era agudo e, quando falava, parecia estar sempre a rir-se. Também lá estava mais um cão, dentro do aposento, outro dos meus amigos que tinham viajado comigo essa manhã, dos canis até à escola – um labrador preto a que chamavam Kem.

Os três, Mario, Juan e Julio – o simpático dono do Kem –, começaram a explorar-nos com as mãos, e cada um de nós também quis saber como eram os outros dois *cãopanheiros*.

E de novo se gerou uma cena caótica que se traduziu num emaranhamento de trelas, uns quantos choques de cabeças

dos nossos donos, que se baixaram para nos tatear – tudo aquilo aprimorado com risadas humanas.

Nós três, os patudos, também contribuímos para tornar a cena ainda mais caótica e divertida, abanando furiosamente as respectivas caudas e aumentando a intensidade daquela brincadeira. Nesse momento, bateram à porta e entraram mais três cães e os respectivos donos. A coisa começou então a complicar-se...

Em poucos segundos, os seis donos conversavam alegremente, atropelando-se por várias vezes – imagino eu que a descreverem as sensações vividas ao conhecerem cada um dos seus cães.

Enquanto eles iam tagarelado sem parar, nós brincávamos incessantemente, até que, de repente, um dos nossos donos pôs fim àquela diversão com um grito autoritário, seguido automaticamente e em unísono pelos restantes cinco. Trataram de nos acalmar, acariciando-nos as cabeças. Já sentados, outros até deitados, ficámos a trocar olhares cúmplices entre todos, como que a querer dizer silenciosamente: *Já nos estragaram a festa, estes desmancha-prazeres.*

Jeremy, o nosso treinador, entrou no quarto, acompanhado do seu intérprete; vinha dar instruções aos nossos donos. Devia andar na casa dos sessenta, era corpulento e, ainda que com um porte autoritário, sempre, e apesar de tudo, se mostrou extremamente carinhoso connosco. Já tínhamos passado tanto tempo com ele, em treinos, passeios e até brincadeiras, que era quase instintivo levantarmos-nos assim que o víamos, para receber uns miminhos.

No preciso momento em que Jeremy me entregou a Mario, notei logo uma brusca mudança no comportamento dele para comigo; de repente, pôs fim a qualquer demonstração de afeto, e por várias ocasiões também notei que ele agiu como se eu não estivesse mesmo ali à sua frente. E passava-se o mesmo com os outros cães.

Imagino que tudo isto servisse para que, pouco a pouco, Mario fosse o meu único e verdadeiro dono, aquele a quem caberia exclusivamente dar-me afeto e impor-me disciplina, e a quem eu passaria a dever absoluta e total submissão.

De início, aquilo custou-me, mas mais tarde acabei por me habituar a Mario, agradando-me muito a ideia de o ter como meu dono para sempre.

Ainda que eu me considere um cachorro afortunado, uma vez que vivi experiências magníficas graças ao meu trabalho como cão-guia, a verdade é que também passei por muitas e profundas mudanças emocionais.

Nasci num dos canis da escola. Aos três meses – depois de passar pela operação que me impediria de andar atrás das cadelas ou de ter a tentação de lhes saltar para cima a fim de concretizar um belo de um acasalamento –, puseram-me logo a viver com uma família de seres de duas patas. Convivi com eles até ao meu primeiro aniversário, e de seguida enviaram-me de novo para a escola, onde comecei a estudar e a treinar para me poder licenciar como cão-guia. Treinei durante seis meses ao lado de Jeremy, sem nos separarmos por um dia que fosse.

Muitas noites, na minha *box*, sentia uma imensa falta da família humana que me criou, sobretudo das crianças, de

quando íamos brincar para os parques ou confraternizávamos em casa. Também fazia um apanhado mental do que com eles aprendi sobre comportamento em locais públicos – onde eu era o único cão com permissão para entrar. Aquilo de poder estar num restaurante, num cinema ou teatro, num comboio ou qualquer outro transporte público fazia-me sentir especial por ser o único cão presente. As pessoas olhavam-me e murmuravam, faziam de mim o centro das atenções, vinham cumprimentar-me, fazer-me festas, dedicar-me todo o género de piropos. No entanto, sempre soube que não chegara ainda o verdadeiramente importante – seria só a partir deste dia que a minha vida faria sentido. Ainda não estava consciente de tudo o que o destino tinha para me oferecer, claro, mas aqui estava eu, prestes a completar dezanove meses, com toda a minha vida pela frente e presentindo grandes e maravilhosas mudanças.